



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**



## **XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS** **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021**

### **NÍVEL DE ESTRESSE E ADOÇÃO DE COPING POR ENFERMEIROS DE UNIDADE DE EMERGÊNCIA HOSPITALAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

**Íris Cavalcanti da Silva<sup>1</sup>; Thiago da Silva Santana<sup>2</sup>; Sélton Diniz dos Santos<sup>3</sup>**

1. Bolsista FAPESB, Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:  
iris\_pauloafonso@hotmail.com

2. Orientador, Departamento de saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: tssantana@uefs.br

3. Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sdsantos@uefs.br

**PALAVRAS-CHAVE:** Enfermagem; Coping; Emergência Hospitalar.

#### **INTRODUÇÃO**

O estresse tem impacto direto na vida pessoal e profissional das pessoas e pode perturbar a homeostase do organismo. Pode ser de origem interna, relacionado a personalidade do indivíduo e/ou externa, relacionado ao ambiente, sendo a ocupação/profissão a fonte mais relevante para o seu desencadeamento. (ARAÚJO *et al.*, 2020).

A literatura científica tem apontado em estudos que envolvem os profissionais de saúde, que o enfermeiro é o profissional mais afetado pelo estresse ocupacional. Constatação relacionada à alta demanda de serviços, à criticidade da assistência de enfermagem, atividades de coordenação e supervisão, liderança de equipes, resolução de conflitos, execução de procedimentos complexos e questões inerentes ao ambiente laboral. Sendo, portanto, presença acentuadamente marcante no trabalho destes profissionais (SANTANA; SERVO; SOUSA, 2018; SANTANA *et al.*, 2019).

Diante do contexto apresentado, e da urgente necessidade de fornecer informações relacionadas ao estresse ocupacional com a finalidade de promover melhores condições de trabalho, bem-estar, satisfação e qualidade de vida, surgiu a seguinte pergunta de investigação: qual o nível de estresse e estratégias de *coping* adotadas por enfermeiras de Unidade de Emergência Hospitalar no contexto da pandemia provocada pelo coronavírus 2019 (COVID-19)? Assim sendo, objetivou-se verificar os níveis de estresse em enfermeiros que atuam em Unidade de Emergência Hospitalar no contexto da pandemia da COVID-19.

#### **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, guiado pelas diretrizes

*Strengthening the Reporting of Observational studies in Epidemiology* (STROBE) (CUSCHIERI, 2019). A pesquisa foi realizada na Unidade de Emergência Hospitalar (UEH) de um hospital de grande porte de uma cidade do interior da Bahia. Utilizou-se como critérios de inclusão: enfermeiros que estejam em plena atividade na instituição; atuando na assistência direta, excluindo aqueles que por algum motivo estavam afastados do trabalho.

Os dados foram coletados entre abril e junho de 2021 por meio da plataforma digital *online* disponibilizada pelo *Google Forms*. Em razão da pandemia da COVID-19, os participantes foram convidados a participar da pesquisa via contato de *whatsapp* e quando pessoalmente, respeitando os protocolos de biossegurança da instituição (uso de EPI e distanciamento).

Para coleta de dados, utilizou-se um questionário contendo a caracterização dos participantes com variáveis sociodemográficas e funcionais e para obtenção dos dados de estresse e *coping* foram aplicadas a *Job Stress Scale* e a Escala de *Coping* Ocupacional de *Latack*. Estas escalas já foram utilizadas em estudos brasileiros em diversas áreas, dentre elas na enfermagem (UBANETTO *et al.*, 2011; ANDOLHE *et al.*, 2015).

A pesquisa seguiu as recomendações da resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando a autonomia, a dignidade e liberdade dos seres humanos participantes do estudo (BRASIL, 2012).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dos 40 enfermeiros estudados, em relação as características sociodemográficas, a média de idade foi de 35,8 anos (DP±6.1), 36 (90%) do sexo feminino, 19 (47,5%) estado civil casado e 25 (62,5%) pardos. Em relação às características profissionais e situação econômica, (35/87,5%) possuem curso de especialização, e (37/92,5%) atuam na assistência. Quanto a unidade de atuação, (11/27,5%) atuam na Sala Amarela Masculina (SAM), (9/22,5 %) na Estabilização e (8/20%) na Sala Amarela Cirúrgica (SAC). A quantidade de vínculos empregatícios variou entre um e três vínculos, sendo mais frequente aqueles que possuíam um vínculo empregatício (26/65%). Com relação a carga horária dos enfermeiros variou entre 24 e 60 horas, sendo o mais frequente aqueles que trabalham 30 horas (13/32,5%) trabalham. Sobre o turno de trabalho (em horas/diário), (29/72,5%) dos enfermeiros trabalham 24 horas diárias. Quanto ao tempo de trabalho (22/55%) dos enfermeiros tinham mais de 48 meses empregado na instituição de pesquisa.

Quanto a renda mensal dos enfermeiros, a maior parte dos participantes (27/67,5%) recebem de um a três salários mínimos. Em relação a mudanças salariais

durante o cenário de pandemia (23/57,5%) relataram que houve uma manutenção na sua renda mensal. No que diz respeito a modificação de atividades no contexto pandêmico, (30/42,8%) dos enfermeiros revelaram que houve o aumento da demanda sem o aumento salarial; (16/22,8%) apresentaram que houve uma maior pressão quanto a rapidez na realização das atividades; (14/20%) relataram que houve o aumento da pressão quanto a produtividade no ambiente laboral; (5/7,1%) revelaram que não houve modificações das atividades; (2/2,8%) relataram ser demitidos do serviço; (1/1,4%) revelou que houve uma redução da carga horária e do salário; (1/1,4%) foi afastado do trabalho e (1/1,4%) teve o seu contrato suspenso.

Em relação à classificação do estresse verificou-se que os enfermeiros apresentaram uma baixa demanda de trabalho, um baixo controle e um elevado apoio social. Segundo o modelo teórico adotado neste estudo, essa relação representa um trabalho passivo (baixo controle e baixa demanda - induz o trabalhador à apatia e declínio em suas atividades gerais). Entretanto, deve-se atentar para o elevado apoio social (RIBEIRO *et al.*, 2018).

Sobre a caracterização das estratégias de enfrentamento expressos pelas respostas coletadas a partir do instrumento empregado a Escala de *Coping* Ocupacional (ECO), analisando esta população, observa-se que as maiores médias estão relacionadas ao controle, sendo, portanto, o fator mais utilizado para o enfrentamento do estresse. Nesse fator, verifica-se que a ação mais utilizada para gerenciar o estresse foi: “Me esforço para fazer o que eu acho que se espera de mim” ( $\chi$  4,22± DP 0,62). Ainda, observou-se que as menores médias estão relacionadas a esquiva, sendo o fator menos utilizado frente ao estresse. Nesse fator, verifica-se que a ação menos utilizada para gerenciar o estresse foi: “Tento manter distância da situação” ( $\chi$  2,25±1,05).

Os dados obtidos nesta pesquisa indicam que houve predomínio de profissionais do sexo feminino, característica marcante entre os enfermeiros brasileiros nos serviços de saúde. Na literatura há fortes evidências sobre as variáveis sexo, idade adulta e ser casado com o desenvolvimento do estresse devido à sobrecarga de tarefas, pela dupla ou até tripla jornada de trabalho, aliado as preocupações em relação as responsabilidades referentes à família (SANTOS *et al.*, 2018; FALCÃO *et al.*, 2019).

Os resultados demonstraram um baixo controle, baixa demanda e alto apoio social, ou seja, os profissionais executavam trabalho considerado trabalho passivo. Em relação as estratégias de enfrentamento evidenciaram-se que o fator controle teve uma alta pontuação, ou seja, foi a estratégia de *coping* mais utilizada, essa estratégia de

enfrentamento é focada no problema, esta, minimiza o estresse com maior efetividade, os fatores manejo e esquivas apresentaram baixa pontuação, isto é, uma baixa utilização dessas estratégias de enfrentamento pelos profissionais.

No que diz respeito às questões mais pontuadas da Escala de *Coping* Ocupacional (ECO), a estratégia de *coping* mais utilizada foi a “Me esforço para fazer o que eu acho que se espera de mim” pertencente ao fator controle ( $\chi 4,22 \pm DP 0,62$ ). Nessa perspectiva, a estratégia de enfrentamento mais utilizada pelos profissionais de unidades de urgência e emergência é a resolução de problemas, que ao invés de afastar ou anular as causas estressantes do dia a dia, estes profissionais optam por resolver os problemas que levam ao estresse, como modificar as atitudes, diminuindo ou eliminando o fator gerador do estresse (RIBEIRO *et al.*, 2015).

No presente estudo possibilitou uma análise frente ao desenvolvimento do estresse nos profissionais enfermeiros atuantes na emergência hospitalar no contexto da pandemia do COVID-19, comprovados pela baixa demanda psicológica no trabalho e baixo controle, diferente de alguns estudos, esta pesquisa apresentou um alto apoio social, além disso, foi possível observar o impacto na renda dos profissionais durante a pandemia, que relataram o aumento da demanda sem aumento salarial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo revelou que a presença do estresse é marcante na atuação de enfermeiros que desenvolvem atividades laborais na unidade de emergência hospitalar, e que o estresse foi potencializado devido a pandemia, e que para sucumbir o estresse foram utilizadas estratégias de *coping*, sendo a mais utilizada pelos profissionais: “me esforço para fazer o que eu acho que se espera de mim” pertencente ao fator controle, segundo alguns autores essa estratégia está positivamente correlacionado com uma boa visão do ambiente de trabalho e negativamente correlacionado com o estresse.

Nesse sentido, o cenário pandêmico proporciona aos profissionais, sobretudo enfermeiros, condições de estresse por estar em contato com um cenário pandêmico, atuando diretamente no combate a COVID-19. Assim, o estresse pode desencadear diversas doenças nos profissionais e como consequência repercutir negativamente na assistência aos pacientes. Diante os resultados desse estudo, buscou-se contribuir com informações para que as gestões hospitalares adotem medidas a fim de melhorar a qualidade de vida desses trabalhadores.

## **REFERÊNCIAS**

1. ADRIANO, M. S. P. F. et al. Estresse ocupacional em profissionais da saúde que atuam no serviço de atendimento móvel de urgência de cajazeiras-PB. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 21, n. 1, p. 29-34, 2017.
2. ARAÚJO, Alessandra Ferreira *et al.* Occupational stress of nurses from the Mobile Emergency Care Service. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 73, n. 1, p. 1-6, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0898>. Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/pdf/reben/v73s1/pt\\_0034-7167-reben-73-s1-e20180898.pdf](http://www.revenf.bvs.br/pdf/reben/v73s1/pt_0034-7167-reben-73-s1-e20180898.pdf). Acesso em: 22 jul. 2021.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466 de 12 de dezembro de 2012, Brasília, DF, 2012.
4. FALCÃO, D.A. *et al.* Estresse da equipe de enfermagem no serviço de pronto atendimento de um hospital público. **Estresse da equipe de enfermagem no serviço de pronto atendimento de um hospital público**, p. 1-388–416, 2019.
5. RIBEIRO, R. M. *et al.* Estratégias de enfrentamento dos enfermeiros em serviço hospitalar de emergência. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, v. 28, n. 3, p. 216-223, 2015.
6. SANTANA, R. S. *et al.* Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência de um hospital público de Teresina (PI). **Revista Bras. Med. Trab.** Fortaleza, CE, v. 17, n. 1, p. 76-82, 2019.
7. SANTOS, Cizélia Barreto et al. Avaliação do nível de estresse em enfermeiros da emergência de um hospital de grande porte. **Revista InterScientia**, v. 6, n. 2, p. 79-89, 2018.
8. URBANETTO, J. S. *et al.* Estresse no trabalho da enfermagem em hospital de pronto-socorro: análise usando a Job Stress Scale. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. Porto Alegre, v. 19, n. 5, p. 1-10, 2011.